
Cultura letrada. Literatura e leitura.

de Márcia Abreu

São Paulo: Unesp, 2006.

Maurício Pedro da Silva

Doutor e mestre em Letras;

Professor de Literatura brasileira – Uninove.

São Paulo – SP [Brasil]

maurisol@gmail.com

Com o impulso que a globalização conheceu no fim do século XX e início do XXI, novos conceitos – como os de pós-modernidade e multiculturalismo, – passaram a habitar o já complexo campo dos estudos literários, promovendo, em muitos casos, uma verdadeira inflexão nos modos de conceber as noções de texto, autoria, suporte textual e outros elementos, direta ou indiretamente, ligados ao universo da literatura.

Era fatal que, nesse novo contexto, surgissem algumas reflexões acerca da dinâmica da produção e recepção da literatura, bem como de sua relação com outras instâncias sociais (escola, editoras, instituições acadêmicas etc.), desencadeando uma série de considerações teóricas que procurassem responder aos desafios advindos dessas novas circunstâncias.

Esse é, em resumo, o objetivo do mais recente livro de Márcia Abreu, que, dotado de um claro senso de oportunidade, procura responder às principais indagações dos estudantes e, em particular, dos entusiastas da literatura contemporânea, articulando, em geral, novos modos de conceber a escrita literária com antigas formas de encarar a produção artística.

A autora começa tratando, de modo geral, do fluido conceito de “gosto literário”, ressaltan-

do o fato de, nessa matéria, não existir consenso e lembrando que os livros em geral, bem como nossa opinião sobre eles, fazem parte de uma “imagem social”. Nesse contexto, completa, a escola desempenharia papel singular que tanto pode resultar na formação de um simples leitor de literatura quanto pode desenvolver sua capacidade crítica ou mesmo suas estratégias opinativas.

Desenvolvendo uma reflexão acerca de conceitos diversos, como os de “texto literário, literariedade, qualidade estética” etc., Márcia Abreu lembra que, muitas vezes, essas noções não fazem parte do texto propriamente dito, mas da maneira como ele é lido e do modo como se inscreve na sociedade: “[...] um ‘mesmo’ texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação” (p. 29).

Diante desse quadro, a autora propõe uma nova maneira de lidar com os livros e a adoção de outros conceitos na consideração do que realmente seja um “texto literário”, não sendo mais possível garantir sua definição – opina –, apenas considerando as concepções de gênero, procedimentos lingüísticos, figuras de linguagem ou idéias afins. E completa:

[...] estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a idéia de que não é o valor interno à obra que o consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como o nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor (p. 41, grifos do autor).

Tratando, ainda, dos elementos que conferem a determinada obra um “caráter artístico”, a autora trata das instâncias e das convenções sociais responsáveis por sua legitimação social, lembrando, por exemplo, que “[...] mais do que o texto, são os conhecimentos prévios que temos sobre seu autor, seu lugar na tradição literária, seu prestígio (etc.) que dirigem nossa leitura” (p. 49). Daí ser possível afirmar, completando o raciocínio anterior, que “[...] a imagem que se tem do lugar do autor do texto na cultura é um dos elementos que afetam fortemente a maneira pela qual se lêem seus textos e se avaliam suas obras” (p. 50).

Desse modo, chega-se facilmente à conclusão de que o terreno da literatura é, sobretudo, move-diço e instável, pois as concepções de valor estético, de gênero literário, de tradição artística e de muitos outros elementos relevantes para a análise e crítica literárias mudam de épocas para épocas, de leitor para leitor, de cultura para cultura. Na verdade, explica a autora, deve-se ter sempre em mente que a avaliação estética não é universal, dependendo antes da formação cultural de quem avalia determinada obra. Em suma,

[...] a avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes. Muitos, entretanto, tomam algumas produções e algumas formas de lidar com elas como as únicas válidas (p. 59).

Concepções distorcidas do que seja literatura (e do que seja, conseqüentemente, crítica literária, gosto estético etc.) acabam refletindo nas avaliações, nas quais o texto erudito é o único merecedor de consideração, relegando todos os demais que não se enquadrem nessa categoria à condição pejorativa e, muitas vezes, preconceituosa de “popular, marginal” ou “comercial”. Antes de tudo, ensina Márcia Abreu, faz-se necessário estabelecer um sólido conjunto de critérios capaz de discernir, entre o vasto mundo das artes, as obras que realmente se quer tomar como referência positiva, esteticamente falando:

[...] a avaliação que se faz de uma obra depende de um conjunto de critérios e não unicamente da percepção da excelência do texto. Ler um livro não é apenas decifrar letra após letra, palavra após palavra. Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.). É contrastá-lo com nossas idéias sobre ética, política e moral. É verificar o quanto ele se aproxima da imagem que fazemos do que seja literatura (p. 98).

Daí, acentua a autora, o fato de o conceito de literatura não ser algo objetivo e universal, mas cultural e histórico “[...] os critérios de avaliação do que é boa e má literatura, e até mesmo de que gêneros são considerados literários, mudam com o tempo. Não há literariedade intrínseca aos textos nem critérios de avaliação atemporais” (p. 107, grifos do autor), o que nos leva a concluir que a literatura erudita, por exemplo, muitas vezes, a única valorizada pela escola e por outras instâncias de legitimação, não é “a” literatura, mas “uma” literatura em meio a tantas outras manifestações artísticas. Em outras palavras, torna-se necessário

[...] que se abra mão da tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto dos textos empregando um único critério e se passe a compreender cada obra dentro do sistema de valores em que foi criada. Não se trata de esquivar de qualquer forma de julgamento ou hierarquia, até porque os grupos culturais avaliam suas próprias produções e decidem que há algumas mais bem realizadas que outras. O que parece inadequado, entretanto, é avaliar todas as composições segundo os critérios pertinentes à criação erudita. Abandonando esta forma de agir, ficará claro que não há livros bons ou ruins para todos, pois nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação (p. 110, grifos do autor).

Por isso, completa a autora, com propriedade, ao finalizar sua exposição, “[...] literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política” (p. 112).

Escrito em linguagem fácil e acessível, quase que estabelecendo um diálogo com o leitor, *Cultura letrada* é uma obra fundamental para a compreensão dos atuais questionamentos em torno do texto literário. É certo que a autora, muitas vezes, divaga em considerações mais ou menos marginais ao tema central do livro, como no caso das extensas reflexões acerca da literatura de cordel, aliás, sua especialidade. Além disso, um dos problemas mais salientes que se podem apontar é o fato de Márcia Abreu expor uma série de situações concretas sem, contudo, no final de cada capítulo, chegar a uma conclusão e/ou explicação acerca do problema exposto: o possível argumento de uma intenção de deixar os assuntos tratados em aberto para uma futura reflexão do leitor carece de sustentação, quando consideramos o fato de sua obra fazer parte de uma coleção nitidamente voltada para iniciantes no assunto, o que – teoricamente – requereria uma tomada de posição mais explícita em relação a determinados temas, a fim de satisfazer as dúvidas que eventualmente seu texto tenha suscitado.

Nada disso, contudo, minimiza o valor e a contribuição do livro para os estudos literários, sobretudo nesse instável e delicado mundo do “ensino de literatura”.
